

Libertada para a Liberdade, Condenada ao Silêncio

A Imagem da Mulher no Cristianismo

Dorothee Sölle

Achego-me ao tema da imagem da mulher no cristianismo com o fardo de uma dificuldade existencial compartilhada por mim com cada mulher que tenta ser uma cristã nos dias de hoje. Preciso deixar-me interrogar quanto à maneira de conciliar as duas coisas — o meu ser mulher e o meu pertencimento à comunhão dos crentes. Reina uma profunda repugnância diante da indiscutida dominação masculina nas igrejas que torna apátridas, no cristianismo, justamente as mulheres mais sensíveis e despertas. Existe uma antiga e desde há muito não superada tradição de desprezo das mulheres, de trivialização de suas indagações e até de ódio à mulher, que, sustentada pelos pretextos teológicos mais inconsistentes, continua a pulular mesmo por trás de uma aparente liberalidade. Aquela repugnância é ao mesmo tempo alimentada pela veneração dos valores masculinos; pela adoração do poder a qualquer preço, que não consegue pensar o próprio Deus senão como representante do poder absoluto; pela atitude basicamente conquistadora e subjugadora diante da terra; e pela idolatrização da ciência, ainda que às custas do tecido da vida. Estas atitudes têm uma de suas raízes na humilhação religiosamente ensaiada da natureza e das mulheres. A apostasia da fé cristã para a existência pós-cristã é hoje uma opção de mulheres conscientes.

Outro grupo de mulheres, do qual faço parte, começou a trabalhar o conflito entre a religião e o ser mulher a partir de sua insegurança. Este trabalho tem lugar há cerca de 20 anos sob o título *Teologia Feminista*, e isso como deconstrução da teologia dominante e reconstrução da fé libertadora. Quero tratar aqui de ambas as funções da teologia feminista, começando com a deconstrução daquela noção antiqüíssima em termos histórico-religiosos, e em boa medida ainda hoje dominante, da tradição patriarcal que confere santidade e poder sacral tão-somente ao homem¹.

Do Tempo do Desespero

A teologia feminista ocupou-se intensivamente com o androcentrismo da linguagem eclesiástica, pois neste tipo de linguagem que menciona e pensa Deus somente como homem a dominação dos homens e a humilhação das mulheres tornou-se intocável. Contudo, além da crítica geral ao patriarcado, é importante precisar o lugar histórico onde hoje surge esta teologia crítica e libertadora. Lançando mão de um título da historiografia feminista sobre a perseguição às bruxas, quero denominar este lugar de *tempo do*

desespero². Com isso pretendo chamar a atenção para a tendência necrofílica da construção patriarcal do mundo, cada vez mais visível nos dias de hoje. O mais importante meio de produção dos seres humanos, a ciência, é movido por uma profunda hostilidade à criação. A exigência de dominar a vida, de pôr de lado todos os limites que continuam a resistir à investigação perscrutadora e de *fazer* tudo que pode ser feito é hoje mais visível do que nunca. Com isso não quero dizer que todos os pesquisadores estejam possuídos pela vontade de poder, mas que o sistema patriarcal da ciência ocidental hoje ameaça, como jamais o fez antes, a criação, o tecido da vida³. Pois esta ciência tornou-se responsável, com e desde Hiroshima, pelo fim do mundo histórico, exatamente como tornou-se responsável pelo início da vida resultante da “clonagem” na tecnologia genética. Tanto a indústria atômica quanto o inverno nuclear ou a mercantilização da capacidade de reprodução acontecem sem consideração de *Deus* — qualquer que seja o significado da palavra nas diversas confissões. O patriarcado apoderou-se há muito da criação e do fim do mundo, do Alfa e do Ômega, incorporando-os ao seu império: o poder, muitas vezes imediatamente reivindicado como onipotência, é o valor central; a sujeição da *natureza* e da *mulher* (conceitos intercambiáveis em muitos textos) é a tarefa; segregação, demarcação, *apartheid*, repressão e violência aberta são os métodos empregados pelo homem branco contra tudo que é definido como *diferente*. A cisão do átomo e de núcleos celulares realmente mudou tudo; somente o pensamento patriarcal permaneceu fixado a seus valores. “Somos tecnicamente capazes de tudo”, disse o General Abrahamsson, um alto funcionário do complexo científico-militar-industrial responsável pelo aproveitamento militar do espaço⁴.

Creio que precisamos levar a sério este pano de fundo, nem que seja para termos apenas uma noção sobre o significado do projeto da teologia feminista, que rompe com a totalidade da síndrome expressa na fórmula ser humano = homem = máquina. Quem tentar entender o movimento feminista à parte deste pavor existencial, quiçá segundo as categorias burguesas do possuir e fazer carreira ou segundo as categorias pós-modernas de um movimento *New Age* totalmente livre de temor, irá trivializá-lo e projetar a própria superficialidade para dentro deste novo modo de pensar das mulheres. Christa Wolf colocou a crítica ao patriarcado, à sua tecnologia e militarismo no centro de seu livro *Kassandra*. Ali *Aquiles*, o festejado herói grego, assassina o *animal*, forma com que recorrentemente se denomina o jovem Troilo, que tenta escapar de seu matador e encontra proteção no templo.

Havia isso então? Prazer assassino e desejo amoroso em um mesmo homem? Podia tolerar-se isso entre seres humanos? O olhar fixo da vítima. O aproximar-se dançante do perseguidor que eu agora via de trás, um animal lascivo. Que segurou Troilo, o jovem, pelos ombros; que o afagou e o tocou com os dedos, isso tudo rindo. Que o agarrou pelo pescoço. Que passou à garganta.

A mão pesada e de dedos curtos na garganta do irmão. Apertando, apertando... Fazendo saltar das cavidades os olhos do irmão. E, no rosto de Aquiles, o prazer. O desnudo e terrível prazer masculino. Quando isso existe, tudo é possível.⁵

É exatamente este o sentimento fundamental das mulheres... diante dos homens que têm a obsessão da morte, a qual nada mais é do que o desejo completamente ordinário de dispor totalmente dos objetos e de ter controle sobre aquilo que vive. Pois só é possível querer dispor de tudo quando se percebe tudo que é outro como estando morto.

É com este projeto da morte que mulheres hoje rompem. Elas descobrem a “sororidade” e novas formas de relacionamento recíproco, dão início a uma busca muitas vezes extravagante de sua terra natal. No interior do estranhamento cada vez mais profundo diante da cultura existente, cresce também uma religiosidade que se articula a passos tímidos. *Reweaving the Web of Life* (“Reconstituindo o Tecido da Vida”) é um importante livro do movimento feminista americano⁶. Experimenta-se a própria vida como vida destruída, a rede como rede rasgada; as mulheres percebem a risada terrível de Aquiles de uma outra maneira.

O desejo de viver, pensar e sentir integralmente também abre portas para uma relação com o *divino* que há muito estavam trancadas, pois somente se podia esperar um convencionalismo petrificado do outro lado delas. Muitas das que abandonam o patriarcado dão esse passo a partir de uma piedade desejosa por algo maior, a qual já não pode formular-se em nome de *Pai, Filho & Co.* (Mary Daily). O Deus que exclui e nega atributos espirituais femininos e, em conseqüência, também pronomes gramaticais, é pequeno demais para mulheres que conhecem a si mesmas. O sexismo na teologia não é um hábito de homens acostumados a ter o domínio, que seria relativamente fácil de corrigir; é, antes, idolatria: confunde-se a fonte da vida com o poder patriarcal. Justamente o fato de que há duas criaturas feitas à imagem de Deus, em dependência e relação recíproca, é negado em uma teologia meramente masculina; quando, no lugar da justiça prometida, subitamente irrompe a ordem já sempre afirmada.

Quando o poder é o valor supremo e a onipotência aquilo que os teólogos testificam sobre seu Deus, e quando Deus está sentado invulnerável no céu, aí então este tipo de teologia torna-se insuportável para mulheres conscientes — assim como para homens feministas, isto é, homens que pensam em termos de humanidade. A esse tipo de teologia corresponde a imagem da mulher representada pela mulher submissa: sua tarefa é obediência, destruição da vontade própria e submissão à ordem explicada como divina. Mesmo que o poder de mando se alterne com a misericórdia e o pai entronizado no cume do universo apareça como bondoso, não obstante a piedade das mulheres desenvolvida dentro desta estrutura continua sendo uma espécie de “piedade do tio Tom”. A submissão aos papéis sociais definidos como *femininos* e a obediência a um Deus que deu as regras da submissão

de uma maneira supostamente natural destroem a possibilidade da mulher tornar-se ser humano.

Esta imagem da mulher, assim como historicamente se apresenta no cristianismo, pode ser reconhecida em sua forma mais clara naquela representação ideal de Maria que nos contempla da Gruta de Lourdes como figura de gesso: com os olhos abatidos e o corpo oculto até o ponto da irreconhecibilidade, ela representa a dessexualização e a humilhação. Ela está entronizada sobre nós de maneira transfigurada e sublime. Ela é pura, nós imundas. Ela é dessexuada, nós temos desejos e paixões sexuais. Nós jamais podemos alcançá-la, e por isso devemos sentir culpa e ter sentimentos de vergonha. Isso mais uma vez nos torna humildes. Um símbolo criado para ensinar a auto-opressão aos oprimidos, a autocensura aos inseguros e auto-exploração aos explorados⁷.

Um Manifesto da Liberdade

Mas é esta toda a verdade? O cristianismo nada tem a oferecer às mulheres senão sentimentos de culpa e submissão? Começo meu projeto de reconstrução com uma citação de Teresa de Ávila, esta mulher e mística espanhola que lutou pela liberdade religiosa contra uma sociedade e Igreja declaradamente dominada pelos homens. Na Espanha antiga se queria proibir as mulheres de aprender a ler e escrever, de ler a Bíblia ou praticar a arte da meditação. Para as mulheres bastaria aprender a tecer e rezar o Pai-Nosso e a Ave-Maria. Ao longo de três séculos, não se permitiu a publicação de muitas das cartas de Teresa; afirmações ousadas presentes nas anotações de seus livros e cartas foram tornadas praticamente ilegíveis, sobretudo aquelas em que Teresa tomava uma atitude severa contra a discriminação da mulher. E ela se reporta à postura de Jesus frente às mulheres. Em um diálogo com Cristo, tornado quase ilegível pelo censor e por muito tempo ausente em muitas das edições de seus escritos, ela diz:

Quando estavas neste mundo, tu, bem longe de desprezares as mulheres, foste ao encontro delas com grande benevolência. Entre elas encontraste maior amor e mais fé que entre os homens (...) Quando vejo o nosso mundo de hoje, não acho justo que seres humanos de disposição virtuosa e firme sejam desprezados apenas e tão-somente por serem mulheres.⁸

Nestas frases expressa-se toda a ambigüidade de nosso tema: Jesus, o fundador da religião cristã, achou *maior amor e mais fé* entre as mulheres; elas, porém, são desprezadas pela instituição pura e simplesmente por serem mulheres. Esta contradição se arrasta por toda a história do cristianismo — mas aparece em sua forma mais clara no próprio documento de fundação, o Novo Testamento. Este livro que, tanto quanto sabemos, foi escrito apenas por homens, é profundamente marcado pelo androcentrismo do mundo antigo, e nele encontramos duas coisas: por um lado a depreciação da mulher e mesmo o ódio declarado às mulheres, e por outro a ruptura li-

bertadora com a velha injustiça, ruptura esta representada por Jesus e pelo originário movimento de Jesus.

O movimento de Jesus era um grupo de amigas e amigos do pequeno homem de Nazaré que se associara a ele. Muitos não tinham residência fixa e haviam deixado para trás os vínculos familiares tradicionais. As mulheres que percorriam a terra junto com ele tinham fugido do casamento e controle patriarcais; muitas também eram divorciadas ou tinham sido abandonadas por seus maridos. Podemos ter uma idéia melhor das relações vigentes se pensarmos, p. ex., nas imensas favelas da América Latina. Quando o Novo Testamento narra quase a cada página acerca dos doentes, precisamos pensar também e sobretudo em mulheres doentes, cegas, aleijadas e marcadas pela miséria. Muitas eram psiquicamente doentes — possuídas por demônios, como diz o Novo Testamento. O movimento de Jesus corporifica a esperança para estas miseráveis. Elas eram curadas e passavam a curar. Ouviam a boa nova da libertação e a contavam adiante. Eram saciadas e compartilhavam o pouco que possuíam.

O movimento de Jesus vivia em conflito com sua sociedade. Jesus tinha a expectativa da inversão de todos os antagonismos sociais mediante a intervenção de Deus, mas este *logo vem o reino de Deus* tomou contornos já agora no movimento. Todos aqueles que segundo as normas de sua sociedade eram marginais e segundo a lei eram considerados *impuros* — pobres, sem-terra, pecadores notórios, publicanos e mulheres — eram aceitos ali. *Os últimos serão os primeiros* é um pensamento fundamental que perpassa toda a mensagem de Jesus. Quem são estes *últimos*? Podemos pensar em um agricultor afundado em dívidas, expulso de sua terra arrendada ou que foi destituído de seus direitos. Mas ainda abaixo dele, religiosamente inferiores e culticamente vistas como impuras, estavam as mulheres. Ser uma mulher: isso era mesmo o fim!

Uma das histórias mais belas do Novo Testamento trata de uma mulher que padecia há doze anos de uma hemorragia. Ela é isolada socialmente, pois de acordo com as concepções antigas a menstruação ou as doenças ginecológicas que envolvem sangramento são vistas como um perigo para o que está à sua volta. Os objetos tocados por uma mulher nesta condição tornam-se impuros. Ela não pode participar do sacrifício da páscoa. Menstruação, doenças ginecológicas e lepra eram vistas como um e o mesmo problema. A atitude genérica diante destas doentes é descrita assim por Plínio, o Velho:

O mosto de que elas se aproximam neste estado fica azedo. (...) As hortaliças secam, e os frutos da árvore onde sentaram caem. (...) A ferrugem ataca o bronze e até mesmo o ferro, e um cheiro repugnante toma conta do ar...⁹

Uma mulher que era vista desta maneira, que “padecera à mão de vários médicos, tendo despendido tudo quanto possuía, sem contudo nada aproveitar, indo a pior” (Mc 5.25): uma mulher assim aproxima-se de Jesus e o toca.

Tendo ouvido a fama de Jesus, vindo por trás dele, por entre a multidão, tocou-lhe a veste. Porque dizia: se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada. (Mc 5.27s.)

Como na maior parte das narrativas de cura, é a própria pessoa doente, neste caso a mulher evitada, que cria a relação com Jesus, que o *toca* e confia em sua força. O segredo de Jesus é a força, a *dynamis* de Deus que está nele e é liberada no encontro com outras pessoas. A cura não é possibilitada através de Jesus *em si e por si*, o fazedor de milagres, o super-homem, mas pela relação recíproca¹⁰. Jesus tocara o coração da mulher, e por isso ela quis pegar em seu manto.

Certa vez, após uma conferência, vivenciei algo muito bonito: uma senhora idosa veio até mim e me abraçou dizendo: “You touched me, I want to touch you” (“você me tocou, eu quero tocar você”). Não sei se isso foi uma cura; em todo caso, havia ali uma força, algo do poder da vida que faz viver, da *dynamis* que a mulher hemorrágica despertou em Jesus.

Entra em vigor uma noção falsa, colorida pelos pensamentos masculinos de concorrência e dominação, toda vez que os intérpretes externam a opinião de que Jesus teria o monopólio deste poder. Jesus não é um indivíduo singular, não *possui* Deus e não *tem* o poder na relação como uma propriedade. É a fé desta mulher desprezada e machucada que a cura, este tocar e deixar tocar no qual experimentamos o poder de Deus. Precisamos ver as narrativas de milagres como histórias do amor que vive no mundo e quer ser libertado, e as compreendemos corretamente se refletirmos em conjunto a exortação de Jesus a suas discípulas e discípulos a fim de que agora também eles curem doentes, expulsem demônios, alimentem famintos e passem adiante a boa nova. Não é o Deus autoritário, lá de cima, que pode curar, mas sim o Deus afável, que se expressa nas relações entre irmãs e irmãos de uma maneira diferente e transformadora. Por isso Jesus e o movimento de Jesus tinham de entrar em conflito com o pensamento hierárquico e patriarcal. O Espírito de Deus não pode guiar-se por características sexuais, e a velha injustiça não podia continuar existindo no reino de que Jesus falava. Em termos teológicos, o movimento de Jesus restaurou a condição da mulher como imagem de Deus, que o patriarcado intenta destruir. Também a mulher tem participação ilimitada no mistério da vida, em Deus. As mulheres à volta de Jesus sentiam que a mulher não estava excluída. Que também ela fazia parte da história da grande cura que se revelava no movimento de Jesus: os cegos tornam a ver e os que são escravos da própria impotência são tocados, de sorte que agora, como homens e mulheres que experimentam o Espírito de Deus, também fazem a obra de Deus: dão a visão aos cegos, restabelecem a paz e expulsam demônios — exatamente como acontece hoje quando mulheres expulsam, em Greenham Common, no grande muro do Hunsrück diante das armas atômicas ou na frente do Pentágono, o maior demônio de que estamos possuídos: o militarismo.

A imagem da mulher no Novo Testamento é determinada pelo com-

portamento de Jesus. Ele não era um sexista, um macho. Não há uma única palavra negativa sua acerca das mulheres; ele as tornou discípulas e as curou do medo de serem apenas mulheres, um ser fraco e de segunda categoria. Isso também significa que estas mulheres ligadas a Jesus ganharam coragem e força para posicionar-se contra os valores universalmente aceitos do racismo, da exclusividade, da injustiça estrutural e do patriarcado. No movimento de Jesus as mulheres não eram figuras marginais, mas apóstolas, profetisas e missionárias¹¹. Em Cristo todos são um e têm o mesmo valor. “Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Cl 3.28), diz Paulo na Carta aos Gálatas. A injustiça da classe social, a exclusividade religiosa e as relações de dominação patriarcal foram superadas de modo fundamental no movimento de Jesus. As pessoas aceitavam Jesus como o libertador destas divisões e estruturas de dominação, viam-no como aquele que, tendo sido enviado por Deus, traz a vida real e não apenas novos preconceitos para a metade da humanidade. Chamavam-no de Cristo. Ao lado da confissão de Pedro a este Cristo, muitas vezes festejada como a única pela tradição, está a confissão ao Messias feita por Marta de Betânia, que, de acordo com o Evangelho de João, confessou sua fé com as seguintes palavras: “Sim, Senhor, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo” (Jo 11.27). Pedro e Marta são os primeiros a confessar o Salvador. Mas trinta anos depois de Paulo, e em absoluta contradição com seu evangelho da liberdade (“Aqui não há escravo nem senhor, nem homem nem mulher”), consta algo bem diferente na 1ª Carta a Timóteo, escrita por um discípulo de Paulo:

E não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido; esteja, porém, em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Todavia, está preservada em sua missão de mãe, se elas (a saber: as cristãs) permanecem em fé e amor e santificação, com bom senso. (1 Tm 2.12-15.)

Nestas palavras catastróficas e de graves conseqüências espelha-se a reação do patriarcado contra o feminismo jesuânico cristão-primitivo. As mulheres ensinavam nas comunidades, o Cristo ressurreto aparecera-lhes em primeiro lugar, e as mulheres sabiam que é o seguimento de Cristo, e não o cumprimento de um papel sexual preestabelecido, que possibilita a liberdade. As palavras da Carta a Timóteo refletem o temor patriarcal de líderes de Igreja do catolicismo primitivo diante de mulheres que ensinavam e tinham autonomia. Ao autor não causa pejo fazer uso das distorções presunçosas da estória da expulsão do paraíso. A luta do apóstolo Paulo girara em torno da igualdade religiosa das diferentes raças, tradições e sexos. Para Paulo, a igualdade de todos que invocam o *Kyrios* estava dada com a boa nova. Elisabeth Schüssler-Fiorenza escreve em sua investigação fundamental, *In Memory of Her*, sobre o significado do Batismo no cristianismo primitivo:

Esta luta do apóstolo Paulo pela igualdade religiosa teve importantes conse-

qüências para as mulheres judeu-cristãs e gentio-cristãs. Se o mais importante rito de iniciação já não é a circuncisão, mas o Batismo, as mulheres podem tornar-se membros integrais do povo de Deus, com os mesmos direitos e deveres. Isso causou uma transformação fundamental não apenas de sua posição diante de Deus, mas também de sua posição e função eclesial e social. Pelo Batismo as cristãs e os cristãos entravam em uma “relação de parentesco” com pessoas de proveniência racial, cultural e nacional muito diferente¹².

Não se pode compreender a imagem da mulher no cristianismo primitivo se não se levar a sério a confissão de Batismo de Gl 3.28, este manifesto da liberdade e testemunho da igualdade:

Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes. Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus (Gl 3.26-28).

Este trecho contém uma visão de liberdade. É muito provável que tenha origem no movimento missionário pré-paulino. É uma declaração de batismo dos círculos da teologia do espírito do cristianismo inicial, na qual as mulheres tinham papéis de liderança em igrejas domiciliares e na missão. Provém dos breves dias da liberdade. “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Não vos submetais de novo a jugo de escravidão” (Gl 5.1). A liberdade é o tema central da Carta aos Gálatas. Com este conceito da *eleutheria* expressa-se resumidamente a situação dos cristãos/ãs diante de Deus e no mundo. “Fostes chamados à liberdade” (Gl 5.13). O júbilo dos libertos ecoa por toda a carta. Ele também determina a promessa batismal daqueles que haviam chegado à fé e agora confessavam: “Em Cristo não há judeu nem grego, nem escravo nem liberto, nem homem nem mulher; somos todos um em Cristo.”

Represento-me agora uma jovem mulher que se tornou cristã no século I. Imagino-a como escrava. Legalmente, na época de Paulo, os escravos não eram pessoas, mas coisas. Eram considerados sob o aspecto de serem corpos; corpos para o trabalho e para o uso sexual dos senhores. A jovem mulher imaginada por mim foi pela primeira vez vítima de abuso sexual por seu proprietário aos onze ou doze anos: agora, os filhos que vão crescendo se lançam sobre ela. Todas as mulheres eram vistas sob o aspecto de sua utilidade: para o uso sexual, para dar à luz e para o trabalho. Imagino como esta jovem mulher pode ousar tornar-se membro de uma diminuta célula cristã. Ela vivencia o Batismo e recita com outros a solene confissão ritual. Proclama-se aí a reconciliação dos seres humanos. Tanto faz se é norte-africana ou europeia, escrava doméstica de um homem velho e lascivo ou tintureira que não se livra do mau cheiro do couro e é por isso evitada. O sistema de coação do casamento patriarcal não é importante, há uma nova forma de pertencimento mútuo *em Cristo*. Diferentemente do patriarcado, a *familia Dei* não se orienta pela força corporal e pelo uso da violência, por uma ordem legal que cimenta a velha injustiça e por uma re-

ligião que ainda abençoa, de uma forma celestial, exatamente esta situação.

A jovem escrava deve ter ouvido o evangelho como alguém que sonha. “Quando o Senhor libertar os cativos de Sião, seremos como os que sonham” (Sl 126.1). É bem verdade que isso é apenas uma declaração ritual em um grupo minúsculo que se encontra secretamente e nada significa no mundo normal da sociedade como um todo. Não obstante, esta transformação do universo simbólico, do qual também ela participa, é tudo para ela. Ela se atira ao chão, não pode falar, balbucia; alguns compreendem a palavra invocada por ela: *Abba*. A primeira forma da liberdade é o êxtase, o ser dominado pela alegria. Ela canta, as lágrimas dos anos de horror irrompem, ela despe a velha veste através da qual todos podiam reconhecê-la (ou seja: humilhá-la) e mergulha na água da purificação. O céu se estende sobre todos, também sobre a mísera morada dos pequenos, onde tudo isso acontece. E ela ouve a voz a lhe dizer: “Esta é minha filha amada, em quem me comprazo”.

Por séculos os exegetas se esforçaram a fim de mitigar essas conseqüências sociais e revolucionárias. Declararam à jovem escrava que ela possuía apenas uma compreensão superficial do evangelho, quando ela na verdade o interpreta no sentido da liberdade. Na assim chamada “compreensão profunda” eles referiram a igualdade a Deus, ou, talvez ainda, à morte, a grande Niveladora. Mas não a referiram ao mundo e sua desigualdade. O poder, a propriedade e os privilégios ficaram lá onde sempre estiveram. Como se o estar-em-Cristo não urgisse à sua realização! Na teologia que aprendi a palavra mágica *escatológico* (no fim de todos os dias) foi usada para a domesticação da liberdade.

Na fórmula batismal da Carta aos Gálatas menciona-se a liberdade com seus bons nomes negativos. Não isso, não assim como vocês pensam! Não tenham medo desses “nãos”: a liberdade precisa deles. Já a Carta aos Gálatas (e não recém a Revolução Francesa) percebe que a igualdade é o fundamento da liberdade. Sem *égalité* não há *liberté*! As comunidades do primeiro movimento de Jesus eram comunhões de pessoas iguais. Este é um resultado importante da pesquisa feminista. A ordem existente, expressa p. ex. na superioridade de uma raça, de um sexo ou de uma forma de economia que precisava de escravos para funcionar, foi considerada — no universo simbólico da religião — sem importância, o que estimulou as pessoas à transformação social. A Nova Existência devia tornar-se visível ao menos na Igreja; pelo menos aí não se devia consolidar o poder hierarquicamente, mediante a desigualdade eterna. Até hoje padecemos os diversos reveses sofridos pela liberdade em seu segundo passo. Às vezes penso que nunca vestimos a nova roupa da igualdade, o manto da justiça. Nus, meibatizados e cobiçando as velhas vestes do poder da minoria e da humilhação da maioria, ficamos aí parados.

Mas este sofrimento por causa da ausência de liberdade, por causa da persistência de privilégios que necessitam de sangüinárias organizações

de terror para subsistir, não pode apagar a visão da libertação diante de nós. É um erro dos contabilistas pensar que, porque o segundo passo seria impossível, sem lugar, utópico, não valeria a pena dar o primeiro! Vestir Cristo significa despir as velhas vestes deste mundo, queimar os calçados que andam sobre cadáveres e jogar fora a cosmética que envenena o ar que respiramos. Vestir Cristo também significa despir-se com Cristo.

Penso mais uma vez na jovem mulher da Galácia, a escrava que se deixa batizar. Por acaso, ela não anda de outro jeito, mais ereta, quando, partindo do Batismo e envolvida pela proximidade de Deus, volta ao seu cotidiano, à sua miséria? Agora ela é filha e herdeira de Abraão, segundo a promessa. Não acho que ela sofra menos, porém mais. Sua ânsia tornou-se maior, e também esse é um sinal da libertação. Surge uma outra imagem da mulher: ela é a *eikon* de Deus, ela reflete o Deus que chama os mortos à vida e “chama à existência as coisas que não existem” (Rm 4.17). Ela foi criada como imagem de Deus. Ela, que o mundo patriarcal assegura ser um nada, destinada a ser objeto do homem, sem direito próprio e por isso sem dignidade: ela é uma nova criatura, nascida para a liberdade.

Notas

- 1 Cf. p. ex. o posicionamento de 1-7-1985 dos bispos do norte do Elba, Krusche, Stoll e Wilkens, frente à teologia feminista, onde a simbólica religiosa patriarcal é justificada como *testemunho inalterável de Deus, ao qual agradou revelar-se assim e não de outra maneira* (Tese 7), a saber, na Trindade exclusivamente masculina.
- 2 BECKER, BOVENSCHER, BRACKERT et alii. *Aus der Zeit der Verzweigung*. Zur Genese und Aktualität des Hexenwahns. Frankfurt, Suhrkamp, 1977.
- 3 Cf. Christine THÜRMER-ROHR. *Vagabundinnen*. Feministische Essays. Berlin, Orlanda Frauenverlag, 1987.
- 4 D. SÖLLE. *Ein Volk ohne Vision geht zugrunde*. Wuppertal, 1986, p. 100s.
- 5 Chr. WOLF, *Kassandra*. Darmstadt, Erzählung, 1983, p. 85.
- 6 Pam MCALLISTER, ed., *Reweaving the Web of Life*. Feminism and Nonviolence. Philadelphia, New Society, 1982.
- 7 D. SÖLLE. *Und ist noch nicht erschienen, was wir sein werden*. Stationen feministischer Theologie. dtv, 1987, p. 170ss.
- 8 J. KOTSCHNER, ed., *Der Weg zum Quell*. Teresa von Ávila. Düsseldorf, 1982, p. 18.
- 9 Cf. Luise SCHOTTROFF, *Frauen in der Nachfolge Jesu in neutestamentlicher Zeit*. In: W. SCHOTTROFF & W. STEGEMANN, eds., *Traditionen der Befreiung 2*. Frauen in der Bibel. München, 1980.
- 10 Cf. Carter HEYWARD, *Und sie rührte sein Kleid an*. Eine feministische Theologie der Beziehung. Stuttgart, 1986, p. 92ss.
- 11 Cf. Elisabeth SCHÜSSLER-FIORENZA, *Der Beitrag der Frau zur urchristlichen Bewegung*. Kritische Überlegungen zur Rekonstruktion urchristlicher Geschichte. In: W. SCHOTTROFF & W. STEGEMANN, op. cit., nota 9.
- 12 Elisabeth SCHÜSSLER-FIORENZA, *Zu ihrem Gedächtnis...* Eine feministisch-theologische Rekonstruktion der christlichen Ursprünge, p. 258ss.

(Tradução: Luiz H. Dreher)

Dorothee Sölle
vive atualmente como escritora em
Roosensweg 7, 2000 Hamburg 52, Rep. Fed. da Alemanha